

## As Cartas de Chelas

*Vanda Anastácio*

Na «Notícia Biographica» que acompanha a primeira edição das *Obras* da Marquesa de Alorna, publicada postumamente pelas filhas desta, conta-se o seguinte episódio da sua infância:

Onze annos ainda ella contava, quando sua mãe muito doente com um ataque de nervos que lhe tomava os movimentos, e, precisando escrever a seu marido; notando em sua filha, qualidades que, apesar dos poucos annos, lhe inspiravam confiança, a chamou ao pé do leito em que se achava. E mostrando-lhe umas tiras de papel, todas escriptas de encarnado, lhe disse: «Minha filha conhece esta letra? – Parece-me a letra de meu pae. – Com que é escrita? – Parece-me que é com sangue. – Pois bem: é sangue de seu pae. E se minha filha revelar que vio esses papeis, este sangue, o meu, e o de minha filha correrá. Preciso escrever a seu pae, e só minha filha é que tenho para me ajudar.<sup>1</sup>

Este relato dá conta de um equívoco: como mais tarde ficaria esclarecido, as primeiras missivas enviadas secretamente da prisão por D. João de Almeida Portugal à esposa foram, afinal escritas com uma tinta obtida a partir da fervura em água de pedaços de pau-brasil<sup>2</sup>. No entanto, a associação a que deram origem é reveladora do clima em que foram redigidas e recebidas.

---

<sup>1</sup> «Primeira Epocha da Vida da Senhora Marqueza d'Alorna», *Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar, e d'Oeynhausen. Conhecida entre os poetas Portuguezes pelo nome de Alcipe*, Tomo I, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1844, p. XVI.

<sup>2</sup> Apesar da informação dada por José de Sousa Amado, prefaciador da obra *As Prisões da Junqueira durante o Ministério do Marquês de Pombal*, Lisboa, Tip. M. Martins, 1857, de que essa tinta vermelha teria sido obtida pela dissolução da pintura raspada da cadeira do cárcere em vinagre, sabe-se, com base no testemunho do próprio D. João de Almeida Portugal transcrito por José Cassiano Neves no trabalho «O Marquês de Pombal e o atentado contra D. José» in *Miscelania Curiosa*, Lisboa, 1983, p. 37 qual ficou o processo utilizado. Segundo afirmava o Marquês de Alorna: «É fisica barata, muito fácil de executar, e tudo consiste, em um pouco de pau chamado brasil feito em bocados, e depois pisado, e fervido com água, até diminuição de ametade. Não me ficou tão boa como eu queria, e por isso estou para fazer outra com vinagre branco, que é a receita do carmim, e espero que fique muito melhor deste modo, e por conta de alguma cochonilha que faço tenção de lhe deitar. Tendo passado um dia depois de feita, deita-se-lhe uma pouca de goma arábia, e fica da forma que tu vês»

Com efeito, entre 1759 e 1777, a família de D. Leonor de Almeida sofreu graves provações, motivadas por suspeitas de que tivesse estado implicada no atentado a D. José, ocorrido em Setembro de 1758. Os Marqueses de Távora, avós maternos da futura escritora, foram supliciados e mortos publicamente<sup>3</sup>, e a jovem Alcipe foi encerrada, aos oito anos de idade, juntamente com a mãe e os irmãos mais novos, no convento de São Félix, em Chelas. Seu pai foi inicialmente levado a Torre de Belém, tendo sido posteriormente transferido para o forte de Junqueira. Permaneceriam presos durante dezoito anos. O irmão mais novo seria libertado pouco antes da puberdade, e colocado sob a tutela de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Cerca de dois terços das cartas de D. Leonor de Almeida que se preservam deste período têm o pai como destinatário, apesar de se conservarem também missivas enviadas a D. Teresa de Mello Brayner, Condessa de Vimieiro, e duas cartas para D. Martinho de Mascarenhas, o filho do Duque de Aveiro falecido na sequência do atentado e companheiro de cela de D. João. Iniciada em data desconhecida, esta correspondência, foi produzida numa situação em que a família Almeida Portugal se encontrava privada da liberdade por tempo indeterminado. Mãe e filhos estão separados do pai e, nem têm notícias dele, nem aquele tem maneira de obter informações deles. Não sabem se algum dia voltarão a ver-se. Estas

---

<sup>3</sup> Os Marqueses de Távora foram supliciados sob acusação de terem participado no atentado a D. José I ocorrido em 3 de Setembro de 1758.

circunstâncias condicionaram de forma muito particular as cartas trocadas durante essa época<sup>4</sup>.

Pela sua própria natureza, a carta missiva é um documento confidencial, destinado aos olhos de destinatários que partilham com aquele que escreve memórias e experiências de carácter privado, dificilmente abarcáveis por quem está fora da relação. Estas características são particularmente visíveis nestes documentos que, proibidos e secretos, evidenciam estratégias destinadas a confundir quem pudesse vir a interceptá-los. É frequente, por exemplo, que nas entrelinhas de uma carta vá escrita, com tinta simpática (sumo de limão ou vinagre), uma segunda, apenas legível pela aproximação do papel de uma fonte de calor. Com frequência, esta segunda mensagem foi riscada à pena com tinta escura, imediatamente depois de ter sido lida, por receio de que pudesse vir a cair em mãos inimigas: estas passagens são hoje indecifráveis. Todavia, nos casos em que não tratavam de matérias passíveis de pôr em perigo a segurança do destinatário, estas inscrições podem, ainda ler-se, como acontece, por exemplo, com pequenas recomendações inscritas por algum membro da família em mensagens redigidas por outro, sem que esse outro dissesse se apercebesse. É o caso destas

---

<sup>4</sup> Parte desta correspondência foi divulgada por autores como o Marquês de Ávila e Bolama, *A Marquesa d'Alorna. Algumas notícias authenticas para a historia da muito illustre e eminente escriptora*, Lisboa, Impr. Manuel Lucas Torres, 1916, Hernâni Cidade, *Marquesa de Alorna Inéditos, Cartas e outros escritos*, Lisboa, Sá da Costa, 1941 e Maria Emília Bordalo de Andrade e Sá Donas-Bôtto, *A Marquesa de Alorna (subsídios para o estudo da sua personalidade, com cartas inéditas)*, Coimbra, Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1945. A correspondência trocada por D. Leonor de Almeida, durante o período de encerramento em Chelas com D. Teresa de Mello Breyner, Condessa do Vimieiro, foi já reunida em volume: Vanda Anastácio (org.), *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna – Colibri Editores, 2007.

linhas, inscritas veladamente pela mãe, num bilhete redigido por Alcipe a seu pai:

O que mesmo nesta carta te peço, lhe façam muitos momos, e bem os podes fazer muito sinceros, porque ela morre-se por ti. Dizem que El-Rei tem tido suas perturbações de cabeça, Adeus<sup>5</sup>.

O contexto em que esta correspondência surge é ainda responsável pela invenção de estratégias destinados a ocultar a identidade das personagens mencionadas nas cartas, que vão desde a simples substituição de nomes pelas suas iniciais, à criação de uma onomástica fictícia, (que se vem sobrepor, em alguns casos, aos pseudónimos literários usados por alguma das personalidades aludidas) e cuja identificação é hoje possível porque se conserva a carta que contém a sua chave:

Temos assentado em que V. Ex<sup>a</sup>. não nomeie nas suas cartas nenhuma das pessoas que nos consolam porque, no caso de haver alguma desgraça, não devem estes nomes ser causa de outras e, para que haja muita confusão, podem servir os nomes de autores franceses. Tirse, convertam-na em Mme. des Houlières, talvez, que no carácter se acha muita semelhança. Seu marido, M. de La Rochefoucauld, o Arcos, M. Dorat, o Tamagnini, M. Haller, célebre médico alemão deste século, excelente Poeta também, homem de muita Literatura e bom gosto. Almeno não seja mais Almeno: seja o Abade de Rancé, o Filinto, Mr. Prior, reitor Inglês. Albano, M. Deslile. José Diogo, M. Deslandes, autor de uma arte *de ne point s'ennuier qu'ennuie cependant*.

Gonçalo Pedro, não acho que lhe quadre senão o venerável Escoto e as pessoas respeitáveis, de que uma só nos consola, devem também ter seus nomes. O Senhor Infante, não se deve nomear nunca senão por Pedro da Silveira, nome que não dá nos olhos. EL-Rei *a mulher*, e o Marques de Pombal, *o marido*.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Carta conservada no ANTT Espólio das Cartas de Fronteira e Alorna nº 180.

<sup>6</sup> Carta conservada no ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna nº 180. As passagens sem itálico encontram-se sublinhadas no original.

O recurso a subentendidos, a expressão dúbia, a frases convencionadas e até à dissimulação do estilo para que pareça escrito por outrem<sup>7</sup>, é frequente, resultando em mensagens como estas, enviada à Condessa de Vimieiro:

M.d.S. é célebre!... tens razão, aquilo não tem pés em cabeça. Creio que este terá a sorte dos mais e por semelhantes motivos *vade en pace*.<sup>8</sup>

A mesma preocupação com as consequências de possíveis extravios parece estar na origem da ausência quase sistemática de datação nas missivas trocadas entre D. João de Almeida e a família, uma ausência que se afigura especialmente significativa se tivermos em conta que a correspondência enviada contemporaneamente por D. Leonor e sua irmã a D. Teresa de Mello Breyner, amiga comum e visita assídua do convento, se encontram datadas. Apesar de Alcipe privilegiar indicações temporais vagas nas cartas que destina a D. João, há circunstâncias históricas mencionadas nestes materiais que permitem situá-los no tempo<sup>9</sup> e nos revelam que estamos perante um *corpus* lacunar, uma espécie de *puzzle* imperfeito do qual estão ausentes muitas peças, relativas, sobretudo, aos primeiros anos do cativo.

Estes aspectos devem alertar-nos para a necessidade de abordar a correspondência redigida pela futura Marquesa de Alorna durante a clausura de Chelas de forma crítica, colocando em perspectiva as diferenças existentes entre os documentos que escreve para cada um dos seus destinatários

---

<sup>7</sup> É o caso de uma carta escrita ao pai pela mão de D. Leonor de Almeida, em que as fórmulas de tratamento e o tipo de frases empregues procuram simular hábitos de linguagem popular e que é assinada com o nome «Josefa» Cf. ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna nº 180.

<sup>8</sup> Carta conservada no ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna nº 177.

<sup>9</sup> As cartas conservadas são datáveis dos anos 1767 a 1777.

privilegiados. Falamos de distinções essenciais que resultam, tanto do papel que a carta é chamada a desempenhar na comunicação com o outro, como tipo de relação que Alcipe procura estabelecer com esse outro por meio da escrita. Estes factores determinam, mais do que os assuntos abordados, o modo como a autora se auto-representa enquanto sujeito de escrita, o seu estilo e o tom que emprega.

Assim, as cartas enviadas a D. Teresa de Mello Breyner, que também designa por Tirse, permitem a D. Leonor preencher os períodos em que se encontra privada da sua companhia, mas constituem apenas um dos modos de relacionamento entre ambas. Lado a lado com confidências, protestos de amizade e discussões de ideias, incluem evocações de momentos passados em conjunto por ocasião das visitas da Condessa a Chelas. Se é um facto que dão conta, por vezes, de divergências de pontos de vista, não é menos verdade que multiplicam as expressões de gratidão pelas atenções que esta prodigaliza às três reclusas e pela consolação que esse convívio lhes proporciona.

Pelo contrário, a correspondência trocada com D. João de Almeida Portugal constitui, durante esses anos, o único modo de relacionamento entre pai e filha. Por detrás de cada missiva de D. Leonor está latente, como em filigrana, quer o desejo de mitigar-lhe o sofrimento, distraíndo-o na sua solidão, quer a vontade de se apresentar aos seus olhos sob a melhor luz possível, empregando nesse esforço uma série de recursos destinados a conquistar e a manter a sua aprovação e o seu amor.

Observemos um pouco mais de perto o que acabamos de afirmar.

Como seria de esperar, há na correspondência de Alcipe, qualquer que seja o seu destinatário, temas recorrentes. Assuntos como a saúde e os incidentes do quotidiano, comumente aceites como parte pertinente do epistolário dito «familiar», misturam-se com outros, que resultam dos seus interesses pessoais, como as lições, as leituras, a poesia ou a discussão de ideias filosóficas. A adequação do discurso àquilo que supõe serem as expectativas do seu interlocutor faz-se, por um lado, acrescentando a estes temas, outros, que imagina poderem interessar-lhe e, por outro, matizando através do estilo, do tom e do modo como se auto-representa, a temática abordada.

Assim, será sobretudo nas cartas a Tírse que a futura Marquesa de Alorna dará largas aos lamentos acerca da sua infelicidade, descrevendo os aspectos mais negativos da vida no convento e apresentando-se como uma vítima inocente da Tirania e do Despotismo. É nestes textos que podemos ler descrições como esta:

[...] vivemos em um corredor escuro e sórdido, com tocas ou casas muito pequenas de uma parte, e outras muito desabridas, [...] esta linda perspectiva se termina em um cano, com sete repartimentos que imbalsemam todo o dormitório de vapor fétido e tão horroroso que somos obrigadas, para não vomitar, nas horas de comer, a queimar continuamente alfazema. [...] pelas janelas mais deliciosas não entra senão um vapor de couve podre que invenena o ar que respiramos, e pelas outras, entre a variedade dos fedores, não convém esquecer um muito útil à saúde é dos corpos mortos, enterrados à flor da terra, os quais por muito tempo nos marterizam sem que estas *vestais* se capacitassem ainda do prejuízo gravíssimo além do encómodo que isto causa. E finalmente, neste Tártaro que venho de descrever-te, não se

ouvem senão convulsões, gemidos, tosses, espirros, Padres Nossos, pelas almas, choros de desesperação e quando ao toque de um sino se acaba esta orquestra, um silêncio ainda mais horroroso nos adverte de que se me cair da mão o livro com algum estrondo, hei-de ser denunciada como perturbadora desta religiosa sociedade, proibida da comunicação da gente viva e reduzida a aturar quanto há de mais irracional da parte destas Doutoradas. Necessita-se maior tormento a quem vive aqui?<sup>10</sup>

Nas cartas escritas para o pai o tom muda e Alcipe parece procurar, pelo contrário, dar de si uma imagem heróica, assegurar-lhe que é capaz de suportar todas as provações e sossegá-lo quanto ao seu possível estado de ânimo, como ilustra o excerto seguinte:

Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração, a minha última carta indicava uma falta d'alento que talvez assustaria a V. E<sup>xa</sup>. Porém, esse instante dessepou-se e eu estou o com maior valor que é possível. Não se persuada V. E<sup>xa</sup>. Que nos privaram de umas consolações. Nós, as que temos, todas nos vem das máximas admiráveis com que V. E<sup>xas</sup> nos educaram e, tanto eu como a mana, avaliamos estas privações como úteis para as nossas aplicações. Deus nos fez de uma natureza fácil de acomodar-se ao tempo e, como fomos nutridas com veneno, uma porção maior dele não nos perjudica. Anime-se V.E<sup>xa</sup> muito, e confiemos na bondade de Deus, que há-de proteger a Inocência.<sup>11</sup>

A mesma atitude se observa quando D. Leonor narra ao pai, em tom inflamado, alguns episódios de confronto com os seus opositores mais directos (as freiras ou o Arcebispo de Lacedemónia), como que para lhe provar que é capaz de enfrentar a opressão e levar a melhor.

Porque, apesar da separação, o pai não desiste de orientar a sua educação e as suas leituras, dar-lhe-á conta dos seus progressos nos estudos e dos livros que lê e procurará justificar-se quando se apercebe de que nem

---

<sup>10</sup> Carta conservada no ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna nº 177.

<sup>11</sup> Arquivo do Palácio Fronteira, [cota: ALCPAI – CH18].



todas as obras lidas merecem a aprovação deste. Mas, por vezes, o papel de guia de leitura inverte-se. Pelo facto de conseguir, apesar da clausura, aceder a livros recentes, a alguns periódicos ingleses e, posteriormente a 1773, aos jornais enciclopédicos franceses, a partir de certa altura será Alcipe a orientar o pai e a sugerir-lhe que leia obras que lhe enviará secretamente.

No diálogo epistolar assim travado ocupa lugar de destaque a discussão de preceitos de poética e o comentário de versos compostos pela jovem D. Leonor de Almeida. As reflexões sobre estas matérias permitem entender de que modo esta última se apresenta, já nesses anos, como uma escritora da geração de fim do século, entusiasmada com uma concepção da poesia e com técnicas de versificação que diferem, em pontos essenciais, das ideias e das práticas perfilhadas por D. João de Almeida Portugal. Trata-se, com frequência, de excursos em que a autora manifesta, também, as suas intenções em relação aos seus textos, e que contribuem, de facto, para a compreensão do processo de gestação da sua obra.

D. João de Almeida escrever-lhe-á: «As tuas cartas e os teus versos são nesta prisão a minha comédia, a minha ópera, o meu oiteiro e o meu maior divertimento.»<sup>12</sup> O certo é que a futura Marquesa de Alorna não se limita a comentar e a enviar-lhe as suas próprias produções. Nas suas cartas vão também cópias de versos de outros poetas, - sobretudo de D. Teresa de Mello Breyner, mas também de Filinto Elísio e de outros visitantes da grade do

---

<sup>12</sup> Arquivo do Palácio Fronteira, [cota: PAIALC 101].

convento -, acompanhadas de informações acerca de escritoras que a visitam ou que lhe enviam textos. Dado o carácter privado que a generalidade das autoras deste período procurou assegurar à sua actuação, estes dados são hoje preciosos para o investigador. Por outro lado, ao dar testemunho de uma intensa produção e circulação de textos que são difundidos sem recurso ao impresso, estes documentos permitem a identificação de algumas redes de sociabilidade com influência nos meios literários de então.

Finalmente, porque ambos têm consciência de que o cativo e a clausura resultam da vontade de D. José e do seu Ministro, sempre que D. Leonor toma conhecimento de qualquer boato que circule acerca destas personagens ou daqueles que lhes são próximos, apressa-se a relatá-lo na correspondência. A «pequena historia política local» assim desenhada surge entrelaçada, nestes documentos, com as informações sobre política internacional transcritas das publicações a que Alcipe ia tendo acesso, pelo que estas cartas constituem, também, uma espécie de «gazeta particular», construída de acordo com que julga serem as preferências do seu destinatário.

Em conclusão, a correspondência que procuramos aqui brevemente apresentar oferece ao investigador um vasto campo de pesquisa. Permite, por exemplo, reflectir acerca do modo como a Marquesa de Alorna se vai formando como escritora durante anos de encerramento em Chelas, não apenas pelo facto de as suas cartas incluírem reflexões acerca dos seus versos ou das circunstâncias que lhes deram origem mas, também, por permitir a

análise do modo como se vai constituindo enquanto sujeito de escrita ou, se quisermos, da forma como se serve deste meio para se relacionar com os outros. Por fim, constitui um testemunho privilegiado do meio em que viveu, graças à menção de nomes e de factos que a História não registou, mas que permitem reconstituir redes de relações e canais de circulação de textos e de informações determinantes para a configuração, quer do campo literário, quer do campo do poder, no Portugal da segunda metade do século XVIII.